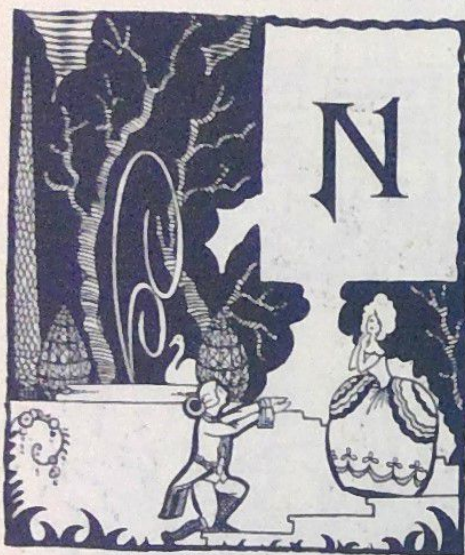


FIALHO DE ALMEIDA

As festas de homenagem em Vila de Frades

31 de Julho — 8 horas



Não sou dos primeiros a chegar à estação do Sul e Sueste. Já aí se encontram o sr. Afonso Gaio, meu presidente na Comissão das Homenagens a Fialho e o sr. José Pereira, delegado da Vila de Frades

junto de nós. Os meus colegas D. Beatriz Arnut e Maia Alcofaredo chegam depois. Junta-se-nos o fotografo Salgado. Aproxima-se a hora da partida do barco. Tomamos os nossos lugares. Os sarilhos põem-se a trabalhar. A ponte é levantada. O «Estremadura» começa a esponejar-se nas águas serenas do Tejo. No cais veem-se acenar lenços e de cá corresponde-se. E' o adeus da partida. Tejo fora, vamos em demanda da terra que viu nascer Fialho de Almeida. Santa peregrinação de amor a nossa. Quem haverá que não nos compreenda?

13 horas

Trazemos cinco horas de viagem. Riscamos o Tejo em quarenta minutos e Barreiro até Cuba fizemos o percurso com poucas amostras de amizade calorífica. Ao chegar o comboio a Cuba, o calor bate o «recod». O termómetro deve andar às voltas dos 40. 40 anos? Não, 40 graus. Os primeiros cumprimentos azebeêmo-los dos srs. José Fialho Pereira, prof. Cristo Fragoso e Antonio Raminhos, pessoas que nos são apresentadas pelo sr. José Pereira. Em frente da estação avista-se o cemitério da vila. Para lá nos dirigimos. O tumulto da família Fialho de Almeida distingue-se logo á entrada e nele se lê:

FALANDO POUCO,
ARRANHANDO SEMPRE,
NÃO TEMENDO NUNCA.

antetese esta arrancada aos *gatos*, lapidares páginas de prosa genuinamente portuguesa.

A nossa romagem ao cemitério é curta. O sol escalda. As calorias esbrazem a vista. Mais adiante está o jazigo do dr. Taquenho onde ainda se conservam os restos mortais do grande escritor, á espera da sua transladação para o jazida que há muito lhe está destinada.

E o tumulto que brevemente — é de crer — recolherá os ossos de Fialho e uma peça de cantaria muito curiosa, sem deixar de ser simples, pelas suas linhas sóbrias e pelo remate superior — dois gatos, simbolo este bem nascente e bem expressivo.

Está finda a romagem. O calor afia suas garras de desafiador. Não se lhe pode resistir. Abalamos de novo para estação, perto da qual nos esperam os meios de transporte. Uns seguem em automovel. Os outros, entre os quais eu, tomam lugar num chorrião — espécie de diligencia alentejana. O automovel galga á minha frente. Vai furioso com o calor. Vingamos as nossas coleras em cerveja. E' o punhal que encontramos á mão.

15 horas

Já nos encontramos em Vila de Frades. Estamos em casa do sr. José Fialho Parreira, sobrinho do escritor cujo pensamento nos reúne a todos nós. Hospitalidade afável ao maximo, atenções prodigalisadas até a mais alta expressão, sentimo-nos comovidos, julgando-nos imerecidas essas manifestações de carinho. Nesta casa nasceu o incomparavel Mestre e aqui ele elaborou grande parte de sua obra gigante.

19 horas

Vila de Frades é um como que *oasis* nesta *steppe*. Igrejas há tres ou quatro. Não visito nenhuma porque é preciso ir á Escola Fialho de Almeida. A entrada é magnifica. A disposição das salas agrada. Apenas se lamenta a carencia do material didactico, que o prof. Cristo Fragoso, vontade forte e acção decidida, vai conseguindo remediar. O salão maior oferece um aspecto de festa. Ornamentado com gosto, nele se acham dispostos os trabalhos manuais dos alunos, cuja exposição amanhã é inaugurada.

21 horas

Regressamos de Vidigueira. Desistimos da projectada visita á Quinta do Carmo, de que me dizem coisas e loisas, porque o sol está com sono e quer ir deitar-se. O pôr do sol põe á nossa volta reverberações estranhas, lembrando misterios. Entramos na casa duma pessoa ilustre destes sitios: o arqueólogo sr. João Vila Nova Vasconcelos. A sua casa é um museu de coisas velhas, excavadas nos terrenos da pré-historica. O districto de Beja é abundante em casos dêsos; o caso está em procurá-los, levá-las para casa, identifica-las e catalogá-las. O sr.

Vasconcelos serve nos de solícito cicerone. Os nossos olhos percorrem tudo, verificando ordem, método, cuidado, inteligência. E tanto, tanto, que me deu assunto para um artigo isolado. Não me esquecerei de escrevê-lo. E aqui fica feita a promessa. E' esta uma boa recordação que levo da excursão, a qual traduzi no livro dos visitantes por «assombro após assombro». A Vidigueira é uma terra histórica; anda ligada a Vasco da Gama, aquele individuo que uma vez na Índia encheu um barco de pés e mãos de indígenas.

1 de Agosto — 12 horas

A uma noite mal dormida succedeu um almoço mal comido. Deixo este em meio para ir à estação esperar o meu colega da Comissão, dr. Luiz de Oliveira Guimarães. O sr. Antonio Raminhos, para quem vão todos os agradecimentos, amavelmente me conduz no seu automóvel a Cuba. A deslocação de ar suaviza a agrura do calor. Ao menos, isso.

13 horas

De novo me encontro em Vila de Frades, desta vez em companhia do dr. Luiz de Oliveira Guimarães e do sr. Albino Lapa, que vem fazer a reportagem das festas para o *Diário de Lisboa*. O almoço, que me ficou em meio, vai agora ter prosseguimento. Comecei o almoço em casa do sr. José Ramalho e terminei-o em casa do sr. Raminhos.

15 horas

Em frente da casa de Fialho é grande a multidão. Trajos variegados. Trajos da cidade. Trajos de campo.

Afonso Gaio tem nos braços, a filhinha do sr. José Fialho, e é descerrada a lápide, enquanto se faz ouvir a Filarmonica de Cuba. A lápide reza:

NESTA CASA NASCEU A 7 DE MAIO DE 1857, JOSÉ VALENTIM FIALHO DE ALMEIDA, ROMANCISTA E PANFLETARIO. ALEM DE CRITICO ILUSTRE FOI TAMBÉM O MAIS FORTE E ORIGINAL PROSADOR DA SUA GERAÇÃO. FALLEceu EM 4 DE MARÇO DE 1911. Á SUA MEMORIA SE MANDOU COLOCAR ESTA LÁPIDE EM 1 DE AGOSTO DE 1926

O descerramento duma lápide é qual comida sem sal. Ao encontro dessa necessidade foi o dr. Luiz de Oliveira Guimarães que disse palavras de admiração por Fialho com aquela elegância literária que eu desde há algum tempo lhe venho conhecendo. A gentil poetisa D. Beatriz Arnut leu um soneto alusivo, orrancada ao seu estro sensível.

E' improvisado um cortejo que atravessa as ruas da vila e desagua na Escola. Aí se distribui um succulento bode aos pobres e às crianças. A filarmónica que se incorporou no cortejo executa aí alguns dos seus numeros.

20 horas

A parte livre da tarde passou-se em cavaco. Evocou-se Fialho. Evocou-se o momento tragico da sua morte. Suicidio? Morte devido a sua excessiva mercurisação ou deslocamento dos rins?

Em casa do sr. Fialho acaba de decorrer com entusiasmo um lauto banquete reunindo cinquenta convivas entre os mais importantes nomes da terra. Ao «toast» são levantados vibrantes brindes. Levanto os meus. Vai começar a recita infantil. Um suplicio para mim. Tenho que falar.

2 de Agosto — 7 horas e meia

Aproxima-se a hora da partida. Preparo-me para deixar Vila de Frades. E' mister estar de tarde em Lisboa. O meu discurso de hontem ainda assim não foi muito mau. No fim da recita das crianças, que se passou entre contentamento e satisfação, o professor Cristo Fragoso foi alvo duma manifestação de simpatia. Mereceu-a — e bem — pela exposição dos trabalhos escolares e por aquele pequeno sarau.

O chorrião espera-me. E' a abalada para Lisboa. Retiremo-nos com uma bela saudade. Deixo em Vila de Frades trez amigos: José Fialho Parreira, Antonio Raminhos, Cristo Fragoso. Pela sua franca hospitalidade e pela sua carinhosa amizade os meus cumprimentos de agradecimento. E até á volta!